

O MAL-ESTAR NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS: a retórica da desistência no TikTok¹

UNEASE IN ROMANTIC RELATIONSHIPS: the rhetoric of giving up on TikTok

Mayka Castellano²

Tatiane Leal³

Vinícius Machado Miguel⁴

Resumo: Neste artigo, analisamos os discursos midiáticos a respeito da desistência da vida amorosa/sexual por parte de dois distintos grupos. Por um lado, mulheres que manifestam o chamado heteropessimismo e, alegando cansaço e preservação da saúde mental, aderem ao “boysober”, termo em que se refere a uma sobriedade de “garotos”. Por outro lado, homens que compartilham dos ideais masculinistas e se alinham ao comportamento MGTOW (Men Going Their Own Way - “homens seguindo seu próprio caminho”) e preconizam uma vida sem mulheres e relacionamentos. A despeito da discrepância entre os dois fenômenos, avaliamos como eles compõem um cenário de desesperança e mal-estar nas relações heterossexuais. A partir de uma pesquisa com os termos #boysober e #MGTOW no TikTok, investigamos os argumentos utilizados, as subjetividades que são produzidas nesses discursos e questionamos de que formas os sujeitos que produzem conteúdo sobre esses temas midiaticizam e enunciam suas práticas em redes sociais.

Palavras-Chave: Boysober. MGTOW. Heteropessimismo. Masculinismo. TikTok.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Cultura das Mídias. 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba - PR. 10 a 13 de junho de 2024.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. Pós-doutorado pela ECO/UFRJ e pela ESPM-SP. maykacastellano@gmail.com.

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pós-Doutorado no Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT), sediado na Fiocruz. tatianecl@gmail.com.

⁴ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades, da mesma universidade. vinicius.machado.miguel@gmail.com.

Abstract: *In this article, we analyze media discourses regarding the withdrawal from romantic and sexual life by two distinct groups. On one hand, women who express so-called heteropessimism and, citing exhaustion and the preservation of their mental health, adopt the “boysober” lifestyle—a term referring to a form of sobriety from men. On the other hand, men who align with masculinist ideals and embrace the MGTOW (Men Going Their Own Way) movement, advocating for a life without women and relationships. Despite the differences between these two phenomena, we examine how both contribute to a broader landscape of dissatisfaction and hopelessness in heterosexual relationships. Through research on the hashtags #boysober and #MGTOW on TikTok, we investigate the arguments employed, the subjectivities produced within these discourses, and the ways in which individuals creating content on these topics mediatize and articulate their practices on social media.*

Keywords: *Boysober. MGTOW. Heteropessimism. Masculinism. TikTok.*

1. Introdução

Em novembro de 2023, começou a circular no TikTok uma *trend* batizada de “boysober” (“sóbria de garotos”). A tendência se seguiu à publicação de um vídeo da comediantes americana Hope Woodard. Inspirada pela irmã, que teria cunhado o termo, a jovem enumerava os motivos para se manter em um jejum de relacionamento com homens por um ano (ou “talvez pelo resto da vida”). “Sem encontros, sem romance, sem nada”, frisava. O que poderia ter sido mais um conteúdo a circular na plataforma conhecida pela assombrosa velocidade em que tendências surgem e desaparecem, o tema ganhou sobrevida graças à adesão de muitas mulheres que se identificavam com os argumentos apresentados por Hope⁵ e se apressaram em produzir seus próprios vídeos, com depoimentos que faziam engrossar o coro das decepcionadas com a vida amorosa/sexual.

Esses conteúdos podem ser compreendidos a partir da emergência de um mal-estar feminino contemporâneo: o heteropessimismo, ou sentimento de desesperança e frustração generalizadas em torno dos relacionamentos com homens cisgênero heterossexuais, que tem mobilizado uma série de discursos midiáticos (CASTELLANO; LEAL; MAIO, 2024; SERESIN, 2019). Nos vídeos que circulam nas redes sociais, mulheres contam suas experiências e pregam os benefícios de uma vida sem encontros. O empoderamento feminino e a crítica a masculinidades “tóxicas” figuram entre os motivos para se abster não só de relações mais sérias, mas da própria prática sexual.

⁵ Após a grande repercussão do assunto, Hope transformou o debate iniciado nas plataformas de redes sociais em um show no estilo stand-up comedy, intitulado Boysober, que vem apresentando em uma casa de espetáculos no Brooklyn, desde o início de 2024 (Charpentier, 2024).

Diferente de muitas *trends* que povoam a rede de vídeos curtos, a ideia de *boysober* furou a bolha algorítmica e ganhou atenção da grande mídia, não só nos Estados Unidos, como no Brasil, um dos lugares em que a tendência teve grande repercussão e engajamento. O jornal *The New York Times*⁶, por exemplo, abordou o tema a partir da controversa associação com a ideia de “celibato”. A revista brasileira *Glamour*⁷ estabeleceu uma relação entre o “modismo” e a crescente atenção dedicada ao tema da saúde mental entre jovens nas redes sociais. Já o podcast *Pessoa, sexo e Deus*⁸ dedica um episódio a analisar a proximidade da “sobriedade de homens” com outro tópico que ganhou espaço na mídia nos últimos anos: o movimento *redpill*.

Se as mulheres alegam desesperança e frustração com sucessivas experiências amorosas malsucedidas, no caso dos homens, identificados de forma genérica como *redpill* pelo podcast, as questões mudam de figura. Em primeiro lugar, é importante definir que dentro do campo do masculinismo, termo que conjuga a visão de mundo marcada pela metáfora da *redpill*, nem todos os homens optam por se abster dos relacionamentos com mulheres, embora isso seja, sim, uma tendência verificada nesse grupo. Se os *incels* (ou celibatários involuntários) ficaram mais popularmente conhecidos como representantes dos discursos misóginos, nos chama a atenção o crescimento do movimento *Men Going Their Own Way* (MGTOW), ou *homens seguindo o seu próprio caminho*. Aqui, há uma escolha consciente em não se relacionar com mulheres a partir das regras básicas: não ter relações profundas, não casar, não coabitar e não ter filhos – o sexo fica restrito a relações casuais ou à prostituição. Diferente de outros subgrupos desse universo, como os próprios *incels* ou os *PUA* (Pick Up Artists) que se organizam para manipular e seduzir mulheres, os MGTOW se distinguem pela afirmação de que a recusa da esfera romântica é voluntária e que é mais “vantajoso” ter uma vida “autoempoderada” (CASTELLANO; MIGUEL, 2023; WRIGHT; TROTT; JONES, 2020; GING, 2019).

São “homens que decidiram sair do movimento tradicionalista, de casar-se com uma mulher, ter filho, justamente porque, na visão deles, tanto o mundo midiático quanto as leis

⁶ <https://www.nytimes.com/2024/02/03/style/boysober-celibacy-hope-woodward.html>

⁷ <https://glamour.globo.com/colunas/carol-tilkian/coluna/2024/03/boy-sober-o-detox-de-homens-que-virou-tendencia-no-mundo-solucao-ou-escapismo.ghtml>

⁸ Apresentado por membros Comunidade Católica Shalom, o podcast se apresenta da seguinte forma: “Queremos, com nossos podcasts, te ajudar a descobrir e a vivenciar uma sexualidade e afetividade adequada, que eleva nossa dignidade como pessoas. Acreditamos que o que caracteriza o ser humano como pessoa é a sua capacidade e necessidade de se relacionar, e isso é evidenciado pela beleza da sexualidade humana e que pode ser melhor compreendida e iluminada pela luz da fé”. <https://open.spotify.com/show/4Uv8d7jQHTqZ9gxmxcvAH3>

estatais estão beneficiando bem mais as mulheres do que os homens”, explica um psicoterapeuta e influenciador digital, simpaticista do movimento em um vídeo do TikTok⁹. Divisão injusta de bens no divórcio, guarda preferencial dos filhos para as mães, valores altos de pensão alimentícia, possível criminalização do flerte (baseada na aplicação distorcida da lei do assédio), alto custo de manutenção de uma namorada, de uma família... São muitos os argumentos, normalmente apoiados em uma percepção do Estado como inimigo do homem, utilizados por esses sujeitos para concluir que, no fim das contas, não vale a pena se relacionar.

Colocando os dois fenômenos como as faces feminina e masculina do mesmo problema, o podcast supracitado os define como marcados por uma “autodefesa”, uma tentativa de “se proteger, não ser ferido” e usa como chave-explicativa para a aproximação entre os dois a sensação de insegurança que marca a sociedade contemporânea: “A verdade é que ninguém gosta de se ferir, de ter relacionamentos difíceis, com um homem irresponsável que não assuma o engajamento ou uma mulher que possa mudar de ideia sobre estar ou não comigo caso eu não seja bom o suficiente”¹⁰. Embora esse podcast tenha uma abordagem bastante singular, associada aos ensinamentos católicos e, especificamente, à Teologia do Corpo¹¹, ele parte de um incômodo que é o mesmo que motiva a presente pesquisa: a saída apresentada por homens e mulheres aos desafios das relações amorosas e sexuais – renunciar ao ato de se relacionar, escolher estar sozinho.

Neste artigo, partimos do pressuposto de que há um mal-estar contemporâneo instaurado nas relações heterossexuais e que vem se manifestando social, cultural e midiaticamente a partir de movimentos, tendências, estilos de vida e, até mesmo, filosofias que pautam a produção de conteúdo em redes sociais e na mídia de forma geral. Nosso interesse específico está em avaliar que tipo de argumento é mobilizado por homens e mulheres nas redes sociais para expressar sua desistência das relações. Para isso, optamos por analisar dois fenômenos: a abstinência amorosa e sexual no relacionamento com homens por parte de

⁹ <https://shre.ink/bkGx>

¹⁰ <https://open.spotify.com/episode/2gXCszGT81dNkNyyViMqUe>

¹¹ “A Teologia do Corpo desenvolvida pelo Papa João Paulo II é resultado de 129 audiências pronunciadas no início de seu pontificado, entre 1979 e 1984 sobre a sexualidade, o amor humano e a família”. Disponível em: <https://noticias.cancaonova.com/capa-do-portal/teologia-do-corpo-ensinamentos-do-papa-joao-paulo-ii/r>

mulheres heterossexuais, resumida na ideia de boysober e o comportamento MGTOW (Men Going Their Own Way).

Ao escolhermos os discursos sobre esses dois fenômenos como objetos de análise, não buscamos estabelecer nenhum tipo de paralelismo no sentido de equipararmos seus objetivos ou naturezas. Nossa intenção é, justamente, entender de que forma discursos de base tão discrepantes (homens masculinistas imersos em uma cultura misógina e mulheres cansadas) podem revelar faces de um mesmo mal-estar que espreita as relações heterossexuais. Partimos, dessa forma, das seguintes questões: que argumentos são utilizados para defender a desistência das relações amorosas/sexuais? Que subjetividades femininas e masculinas são produzidas nesses discursos? De que formas os sujeitos que produzem conteúdo sobre esses temas mediatizam e enunciam suas práticas em redes sociais?

O objetivo deste trabalho, portanto, é investigar os sentidos contemporâneos que permitem que a desistência da vida amorosa e sexual seja encarada como uma via não só possível como desejável. Como objetivos específicos, buscamos compreender as relações de gênero nas propostas midiáticas de novas práticas seculares de abstinência amorosa e sexual, mais precisamente, os atravessamentos desses discursos com o masculinismo, o feminismo e o heteropessimismo. Para isso, analisamos conteúdos publicados no TikTok a partir das trends #boysober e #mgtow.

A metodologia consistiu em duas etapas. Na primeira, foram realizadas duas coletas no TikTok: em 24 de janeiro de 2025 com a *hashtag* #boysober e em 29 de janeiro de 2025 com #mgtow¹². A partir da ferramenta de busca da própria plataforma que ordena os resultados por “relevância”, foram selecionados os 30 primeiros vídeos de cada uma das *trends*, de modo a construir uma amostra viável para a avaliação qualitativa.¹³ Para isso, foram criadas contas novas na rede social, criadas especificamente para a pesquisa. Na segunda etapa, realizamos uma análise retórica (MATEUS, 2018) dos 60 vídeos. Em uma retórica mediatizada, aspectos verbais e visuais se combinam em uma relação entre o orador e sua audiência pretendida que é mediada pelas tecnologias de comunicação. Nesse sentido, o método permite investigar as

¹² A data de acesso de todos os links dos vídeos é a das respectivas coletas, uma vez que eles foram baixados e armazenados para consultas futuras.

¹³ Decidimos por não utilizar filtros relativos à língua ou país, porque percebemos que mesmo as buscas em português no TikTok apresentam vídeos em outros idiomas, sobretudo inglês e espanhol, em seus resultados, o que indica um consumo desses conteúdos também no Brasil.

estruturas argumentativas de discursos midiáticos. A partir desse procedimento, que convoca a analisar quem fala, quando fala, com que objetivo fala, o tema e o tom do discurso, examinamos a construção dos principais argumentos nas duas *trends*, quais os motivos apresentados para a escolha de não se relacionar e que benefícios elas prometem produzir.

Em uma perspectiva foucaultiana, nos chama atenção a produção de verdade dessa maneira de colocar as relações amorosas e sexuais em discurso (FOUCAULT, 2011). Por que se abster de se relacionar parece ser uma boa solução? A que problemas e mal-estares essa prática responde? Que construções de gênero são reforçadas nesses discursos? E por que mediatizar essa desistência? Essas perguntas nos guiam nas seções seguintes do trabalho.

2. Homens seguindo seu próprio caminho

Para compreender a retórica MGTOW no TikTok, é importante delinear o próprio lugar desse subgrupo dentro de um fluxo mais amplo de discursos contemporâneos que compartilham os sofrimentos masculinos. De acordo com Scott, Trott e Jones (2020), os movimentos masculinistas surgiram nos anos 1960, nos Estados Unidos, contexto da segunda onda feminista. Se os grupos de discussão começaram com o debate dos efeitos negativos do patriarcado sobre os homens, pouco depois os coletivos se fragmentam e se radicalizam na defesa dos direitos dos homens frente às – assim enunciadas – opressões impostas pelo feminismo.

Para o masculinismo, os homens são vítimas e devem se unir contra a opressão de instituições como o Estado, que passaria a defender o interesse das mulheres. Visões misóginas e ideais de extrema-direita atravessam esses movimentos, que no contemporâneo se mediatizam no ambiente digital. Articula-se, então, a chamada *machosfera*, um conjunto difuso de grupos heterogêneos entre si que têm em comum a defesa dos “direitos dos homens” e compartilham suas visões de mundo em diferentes espaços online como blogs, comunidades no Reddit, canais do YouTube, podcasts etc (GING, 2019). Muitos deles se identificam com a *redpill*, uma visão de mundo que se baseia em um suposto rito de passagem pelo qual os homens poderiam deixar de ser vítimas e recuperar sua força diante de um mundo injusto. Ao tomar a pílula vermelha, em uma analogia com o filme *Matrix*, eles passam a enxergar “a verdade” e a acreditar que as

mulheres são todas interesseiras e incapazes de amar homens fracos e sensíveis (VAN VALKENBURGH, 2021).

A popularização da *redpill* na mídia, sobretudo a partir da atuação de alguns influenciadores, demonstra que, mais do que restrito a movimentos sociais e coletivos organizados, as ideias masculinistas têm circulado exponencialmente na cultura, especialmente nas redes sociais, sendo difundidas por vezes em formatos diluídos e aliados a outros discursos conservadores. Isso fortalece a própria machosfera, cujos discursos também se aproveitam das dinâmicas de engajamento das redes sociais para atingir públicos mais amplos (LEAL, MIGUEL, CASTELLANO, 2024). Nesse contexto, o MGTOW aparece como um comportamento típico de um subgrupo dessa machosfera e, também, como uma filosofia ou um estilo de vida baseado na autonomia masculina.

É uma comunidade adjacente ao MRA [*Man Rights Activists*] que renuncia a todo contato com mulheres, vê homens e mulheres como incompatíveis devido à liberdade que as mulheres conquistaram na sociedade contemporânea e apoia os homens que vivem um estilo de vida sem mulheres (COCKERILL 2019. p. 104, tradução nossa).

Assim, entre os adeptos ao MGTOW, o relacionamento heterossexual continua sendo o significativo mestre a partir do qual eles tentam afirmar sua independência. Ao defender os motivos da abstinência e exaltar os benefícios de uma vida com autonomia, os homens que se identificam com esse estilo de vida curiosamente falam, majoritariamente, das mulheres (e, em oposição, de si mesmos), produzindo e reforçando determinadas concepções de gênero (WRIGHT; TROTT; JONES, 2020).

Diante desse contexto, quais foram as teses afirmadas pelos enunciadores no nosso *corpus*? A análise retórica demonstrou a presença de seis linhas argumentativas entre os enunciadores: argumentos jurídicos; segurança e comodidade; afirmação do estilo de vida autônomo; argumentos teológicos, culpabilização do feminismo e desvalorização das mulheres. Priorizamos na discussão qualitativa os produtores de conteúdo que estão argumentando em prol do movimento ou que visam descrevê-lo, mesmo que não se identifiquem com eles. Trouxemos também para a discussão alguns comentários das publicações: ainda que eles não tenham sido analisados sistematicamente, buscamos observar brevemente de que maneiras os argumentos ressoam entre as comunidades de usuários, buscando pistas para pesquisas futuras.

Observamos, ainda, que não há somente homens entre esses enunciadores, mas também mulheres, confirmando a tendência observada em pesquisa anterior: apesar de descritas pela ideologia *redpill* como inferiores e não confiáveis, as mulheres têm sido convocadas a falar sobre esses movimentos (LEAL, MIGUEL, CASTELLANO, 2024). É importante ressaltar ainda que, dentre os 30 conteúdos, 10 ironizavam, direta ou indiretamente, o movimento e/ou se posicionavam de maneira contrária a ele.

A principal linha argumentativa encontrada, que atravessa quase todo o *corpus*, é o conjunto de argumentos jurídicos. Essa retórica demonstra, inclusive, uma especificidade do conteúdo sobre MGTOW produzido no Brasil. Se Cockerill (2019) aponta um caminho de abstinência de relacionamentos entre os MGTOW no contexto estadunidense, nos vídeos analisados os homens demonstram, no geral, que não há problema em ter relações casuais e encontros sexuais com mulheres, desde que as regras básicas sejam observadas: não casar, não coabitar e não ter filhos. É fundamental que não haja possibilidade de mediação do Estado na relação com elas, que certamente serão favorecidas por leis pretensamente injustas: “O problema é jurídico. Não vale a pena para o homem e isso não é uma bolha, é uma tendência criada pelas leis que privilegiam as mulheres. NINGUÉM VAI QUERER! (sic)” diz um dos comentários que delineia uma das temáticas mais presentes em boa parte dos vídeos. Existe, assim, uma crítica difusa ao judiciário.

As leis estatais estão beneficiando bem mais as mulheres do que os homens. [...] sempre que há uma separação de bens, a maioria dos bens são envolvidos para mulheres. No caso de filhos, sempre os filhos ficam de preferência para a mãe e os pais têm que, normalmente, desempenhar altas pensões para os filhos. A mídia colocando a mulher sempre como a vítima e os homens sempre como potenciais estupradores, pedófilos, machistas (sic).¹⁴

Uma mulher que aparece nos vídeos¹⁵ defende a tese que a desigualdade jurídica no divórcio é um dos grandes motivos pelos quais os homens estão abandonando “o papel clássico de pai, provedor e marido” e “se recusam a cumprir esse papel social e ancestral”. Segundo outro enunciador¹⁶, “não interessa a eles [os MGTOW] um relacionamento que possa ter uma dinâmica jurídica envolvida”.

¹⁴ <https://shre.ink/bkGx>

¹⁵ <https://shre.ink/bkv1>

¹⁶ <https://shre.ink/bkCR>

Em um dos vídeos, que recorta a fala de um dos principais influenciadores MGTOW do país, observamos como eles enunciam os riscos que existem no casamento para o homem:

Você estará à mercê dela. Qualquer passo em falso que você cometa, ela terá toda a lei a seu favor. Quem te garante que ela não utilizará dessas leis. E lembre-se, a palavra dela tem peso de prova. (...) Estamos numa época em que a palavra da mulher é santificada e que a do homem não vale nada.¹⁷

Esse desconforto jurídico se reflete na constatação: é perigoso estar em um vínculo familiar com as mulheres, logo, o estilo de vida MGTOW proporciona maior segurança e comodidade. Essa retórica nos leva à base da segunda linha argumentativa encontrada, que defende que MGTOW é uma questão de segurança física, financeira e emocional. Nos parece uma afirmação vinculada ao desconforto anterior, afinal, ninguém deixa claro onde o homem estaria inseguro fisicamente. As questões da estabilidade financeira estão vinculadas às leis de divórcio e a questão emocional não recebe desenvolvimento de nenhum dos enunciadores.

Parte desses homens sente que suas demandas emocionais não são ouvidas ou consideradas pela sociedade. Um deles reclama que, depois de as redes sociais apresentarem tantas opções para as mulheres, ninguém quer saber de “caras normais”¹⁸. E o outro, um influenciador, defende que a sociedade “não tá nem aí pra choro de homem [...] a sociedade quer homem que resolva e não chore”¹⁹.

Em um dos vídeos²⁰, um enunciador, que se identifica com a figura do rejeitado, comum na machosfera, fantasia com a criação de robôs sexuais movidos por inteligência artificial. Essa seria a solução que os japoneses (a “raça” mais rejeitada pelas mulheres, segundo ele) utilizariam para lidar com a própria solidão. Afinal, o amor incondicional, segundo outro conteúdo,²¹ seria um privilégio para mulheres, crianças e animais.

Os vídeos parecem materializar o ressentimento de grupos de homens que se consideram bons, que não se sentem atendidos afetivamente, e, por isso, precisam afirmar que estão se afastando. Para um deles, “elas lambem as solas do pé dos cafajeste e pisoteiam dançando na cabeça dos *betas*”²². A afirmação desse *status* de vítima, que de alguma forma goza de certo prestígio na sociedade, funciona como parte da estratégia discursiva de engajamento,

¹⁷: <https://shre.ink/bkC7>

¹⁸ <https://shre.ink/bkCr>

¹⁹ <https://shre.ink/bkCs>

²⁰ <https://shre.ink/bkCk>

²¹ <https://shre.ink/bkCl>

²² <https://shre.ink/bkXJ>

reforçando uma moral do ressentimento (Kehl, 2020). De acordo com Vaz, Sanchotene e Santos (2021, s/p), “[o]s testemunhos de vítima são um relato de si que pretende transformar outras potenciais vítimas, convidando então a audiência a se identificar com a experiência relatada e a se mobilizar para reduzir as chances de que eventos semelhantes aconteçam”. Não é por acaso que a comunicação desses homens que ocupam a posição de influenciadores dentro da machosfera muitas vezes passe por esse lugar do sofrimento, que traz implícita a ideia de testemunho, no sentido de “eu sofri e trago aqui a verdade para que você, homem, não sofra”.

Ao mesmo tempo, se a posição de vítima aparece como útil do ponto de vista argumentativo, é importante que haja um ponto de virada que garanta a esses homens a possibilidade de atuarem como *coaches* ou aconselhadores em geral. A solução para isso passa pela terceira linha argumentativa observada: a afirmação do estilo de vida autônomo. A independência de *seguir o próprio caminho* seria a maneira de se defender da sociedade que eles entendem como “misândrica”, ou de ódio aos homens. Eles mimetizam, assim, a argumentação feminista que evidenciou a estrutura misógina e machista patriarcal; porém, reivindicam para si o status de vítimas do ódio, e não de perpetradores. Esses argumentos encontram consistência dentro de um *ethos* neoliberal, com a solução de parte dos problemas circunscrita aos tipos de subjetividade que são produzidas nesse contexto (DARDOT; LAVAL, 2017). Para alguns dos enunciadores, os MGTOW que optam pelos relacionamentos superficiais, por meio de aplicativos e com as garotas de programa, se recusando a casar e ter filhos, estão fazendo parte de uma contracultura, seguindo caminhos diferentes dos que lhes são cobrados. Com isso, ganham mais tempo para priorizar a si mesmos, seus recursos financeiros e profissionais.

Em outro vídeo, o sujeito defende que “banciar o herói” – ou salvar uma mulher que já foi machucada emocionalmente por outros homens – é uma das piores estratégias que alguém pode adotar na vida. Mas não apenas o autossacrifício é desaconselhado, como também a possibilidade de se tornar “vulnerável ou instável”. O que deve ser feito, então, é reger a esfera afetiva por meio das mesmas estratégias que um empreendedor faz com seus negócios, seguindo, à risca, a racionalidade neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2017): “pensa justamente como se fosse um empresário. Se minha empresa está forte, eu tenho que achar uma empresa mais forte ainda porque nossa felicidade dobrada vai ajudar mais pessoas”²³.

²³ <https://shre.ink/bkXC>

Observamos, também, nos vídeos uma forte presença de argumentos religiosos, especialmente do léxico cristão. Para além dos argumentos seculares que se sustentam mais na racionalidade neoliberal, existe um apelo religioso a uma “teologia freestyle” em que a cosmovisão MGTOW é associada a figuras bíblicas do alto escalão, como, por exemplo, Jesus e os santos.

MGTOW não é uma filosofia, é um modo de vida. Era o modo de vida de Jesus. Os santos eram todos MGTOW praticamente. Se Jesus foi claro, então a mulher que deitou com quatro homens nunca vai ser esposa de ninguém. Tem mulher para a maioria dos homens ou não tem? Tem mulher decente para a maioria dos homens? Na história da humanidade, 80% dos homens não reproduziram e mais de 80% das mulheres reproduziram. Que é exatamente a mesma proporção de curtidas no Tinder, a hipergamia animal, aquela coisa que existia antes do pacto civilizacional foi restaurada. [...] (A questão é) sobreviver a isso para que sua filha não se torne uma aboiteira que não queira casar e nem ter filho e seu filho não seja castrado porque, aí, acabou sua família ²⁴.

Por meio dessa fala, o enunciador argumenta que não existem mulheres o suficiente no mundo para acompanhar os homens cristãos. O abandono das relações românticas é narrado como se fosse necessário para a manutenção de uma vida religiosa. Em suas falas, ele constantemente se refere a mulheres como “vaginãs”, promovendo, dessa forma, uma desumanização a partir da redução desses indivíduos aos seus órgãos genitais.

Em um dueto, tipo de vídeo do TikTok em que uma pessoa reage ao conteúdo de outra, um sujeito assiste a um vídeo de um homem anunciando seu casamento próximo e tomando para si o lugar de quem está, de fato, cumprindo “os princípios e valores de Deus”, ao afirmar o casamento como uma forma de escapar de uma vida devassa. O sujeito que está reagindo olha com ar debochado, explicitado pelo texto que aparece na tela: “Ele encontrou a sua honradinha conservadora [dois emojis rindo] - eu sou mgtow, não vivo de orgia e nem de promiscuidade”.²⁵

Percebemos, assim, uma disputa entre masculinidades (CONNELL, 2005) em que uma visa desautorizar a outra na disputa pela imagem de “homem sagrado” ou do “verdadeiro cristão”. Nesse caso, o feminismo aparece como principal culpado para que “homens honestos” não consigam viver seus relacionamentos de maneira sagrada. Inclusive, as mazelas causadas pelo movimento teriam sido tão amplas na sociedade que desencorajam homens de tentarem

²⁴ <https://shre.ink/bkX5>

²⁵ <https://shre.ink/bkXt>

se relacionar inclusive em meios religiosos, o que estaria sendo notado pelas “mulheres das igrejas”, que já percebem o afastamento dos homens²⁶.

Há, assim, uma retórica de culpabilização do feminismo pelo sofrimento dos homens e pela deteriorização moral das mulheres, das instituições e da sociedade. Seria o feminismo o responsável por deixar aos homens a única opção de *seguir seu próprio caminho*. Segundo Luis Felipe Pondé, que aparece no vídeo como um analista do movimento, “os MGTOW são uma produção do excesso do feminismo”²⁷. Esse é o prisma que diversos vídeos vão utilizar para justificar essa “retirada” dos homens dos relacionamentos amorosos.

Outro enunciador culpa o feminismo como causa para a dificuldade que mulheres estão encontrando para arrumar um namorado, se relacionar. Segundo ele, elas não conseguem entender “essa reviravolta por causa do excesso do feminismo que teve há alguns anos atrás” (sic)²⁸. Ele diz que percebeu que cada vez menos mulheres se declaram feministas e, para ele, isso acontece porque elas já estariam cientes de que os homens pensam da seguinte forma: “literalmente a gente já não quer mais saber de mulheres, está se tornando muito perigoso”. Portanto, a culpabilização do feminismo pela infelicidade é associada às próprias mulheres, que teriam sido traídas pelo movimento.

Em um dos vídeos, uma conversa acontece nos comentários. Uma usuária escreve “eu sou uma mulher mgtown”. E é respondida por três usuários: 1) “nos literalmente desprezamos vcs!”; 2) “Vc é uma mulher adepta do feminismo”; 3) “não quer dizer feminista?”. Essa interação demonstra que, para o grupo, são as feministas que começaram esse processo e o MGTOW seria um “feminismo para homens”, um movimento em que eles se defendem e se protegem contra a sociedade que os despreza.

A última linha argumentativa encontrada é o fato de esses homens acreditarem que as mulheres disponíveis não são satisfatórias. Entre os principais motivos, aparece a idade: “a mulher com 30 anos não vale um décimo do que ela valia com 16” – ou seja, o enunciador considera o ápice do valor da “mulher” a fase da adolescência. Encontramos também promiscuidade e degradação moral representadas pela vida sexual ativa. Um dos vídeos traz cinco garotas cantando e dançando, em movimentos de cancan, uma música que afirma “nós

²⁶ <https://shre.ink/bkXf>

²⁷ <https://shre.ink/bkXW>

²⁸ <https://shre.ink/bkXT>

somos cinco putas, cinco prostitutas desse cabaré” com a legenda “futuras esposas dos senhores aí”. O uso da *hashtag* #MGTOW nesse vídeo indica que é autoexplicativo o motivo pelo qual os homens devem seguir seu próprio caminho, uma vez que esse é o estado moral das mulheres disponíveis.

A não priorização da família também aparece com destaque: a mulher contemporânea não seria uma boa parceira, pois ela não seria propícia à maternidade e ao casamento, adiando esses planos em nome de trabalho e dos estudos, até não servir mais aos seus “verdadeiros” propósitos:

É melhor casar logo, ter seu filho e faz doutorado com trinta anos, porra, ela abortou várias vezes, repudiou todos os maridos. É isso o preço da mulher fazer isso. Ela destruiu a própria semente dela. Quando eu digo vai botar a menina pra estudar, é autodestruição, não é botar a mulher pra estudar, não é a mulher saber ler e escrever (sic).²⁹

Se o feminismo aparece explicitamente na fala de muitos enunciadores, há um vídeo em que, a despeito de não ser citado, ele pode ser percebido como sujeito oculto do discurso. Ao “lamentar” a ausência de mulheres decentes com quem se relacionar, um sujeito pergunta ao seu interlocutor: “tem mulher decente disposta a obedecer e honrar homem pra maioria dos homens? (...) A maioria das mulheres querem ser obedientes a homem hoje em dia?” (sic).³⁰

3. Sóbria de homens

Se a amostra sobre MGTOW revelou uma série de argumentos mobilizados pelos homens para justificar o afastamento das relações sérias com mulheres, no caso da *trend boysober* há uma ideia chave que atravessa todos os vídeos: as mulheres estão mentalmente esgotadas pelo esforço para conseguir e manter os relacionamentos com homens heterossexuais. Nos vídeos analisados, isso é construído a partir de uma retórica que coloca em destaque a frustração com as expectativas colocadas nesse setor da vida, que passa a ser entendido não mais como fonte de realização pessoal e felicidade, mas de sofrimento.

“As mulheres estão cansadas de ter a saúde mental cagada pelos homens e aí elas preferem não ter relacionamento com homens. Ter sobriedade mental (...). Dorme em paz,

²⁹ <https://shre.ink/bkZv>

³⁰ <https://shre.ink/bkZG>

acorda em paz, sem ansiedade, sem encheção de saco”³¹, é dessa maneira que uma enunciadora resume o “movimento boysober”. Na fala das mulheres que produzem conteúdo sobre o tema no TikTok, a ideia de sobriedade que constitui o termo ganha, amiúde, a definição de sobriedade psíquica, para além da abstinência de homens:

Esse movimento boysober não é só sobre sexo, sobre abstinência (...) é sobre o fato das mulheres heteros preferirem ter uma sobriedade mental do que estar envolvidas em relacionamentos heterossexuais (...) porque simplesmente não tá tendo homem que presta (...) Porque os homens estão acabando com a saúde mental das mulheres e elas preferem estar com a energia delas dedicada a outras coisas do que com a energia delas dedicada a uma relação que sempre vai levar elas para o mesmo lugar: tristeza, decepção, cansaço mental (sic)³²

A emergência de trends associadas ao heteropessimismo, como a *boysober* e a *decentermen* (CASTELLANO, LEAL, MAIO, 2024), em que mulheres reivindicam a necessidade de centrar sua vida em outros aspectos que não sejam as relações amorosas e sexuais com homens, é fortemente atravessada pela lógica da cultura terapêutica, ou seja, de um momento social marcado pela interpretação dos mal-estares e descontentamentos a partir de um léxico oriundo das ciências psi (ILLOUZ, 2008, 2021; FUREDI, 2004). Nesse sentido, a formulação do problema que aparece nos vídeos é construída em termos que evidenciam a popularidade e o prestígio que as explicações fornecidas por disciplinas como a Psicologia e abordagens como a da Psicanálise vêm desfrutando nos últimos anos.

Ser solteira hoje em dia é insalubre. É mesmo? Bom é namorar esses tonhão que vocês namoram né? O cara que não faz um A por você e você tem que fazer do B até o Z por ele. Bom é ir dormir com ansiedade e acordar com crise de pânico porque o cara não fala com você direito e você tem que ficar pedindo satisfação de tudo (...) Bom é não ter saúde mental. É ter que fazer terapia pra falar de outra pessoa³³.

Assim, abster-se de ter relacionamentos e possíveis frustrações é entendido como uma espécie de autocuidado, outro termo que ganhou bastante repercussão nos últimos tempos, e que possui uma notável amplitude de significados. Autocuidado pode ser passar um hidratante, mas também pode significar aderir a uma forma light (e laica) de celibato. O intenso uso que a indústria cosmética e a do chamado *wellness* vêm fazendo de termos como autocuidado e

³¹ <https://shre.ink/bQfk>

³² <https://shre.ink/bQfl>

³³ <https://shre.ink/bQf9>

autoestima é um exemplo bastante significativo da penetração do vocabulário da cultura terapêutica no marketing de diferentes setores (OJEDA, 2023). A fala de uma das enunciantoras reforça essa ideia: “eu gosto dele, mas eu queria ficar quarenta minutos no banho, colocar meu creminho, falar com vocês aqui, comer meu iogurte, minha granolinha, hum, sossegada, depois fazer minha skincare e assistir pela trigésima nona vez *Sex and the city*. Vocês entendem o poder disso?”³⁴.

Namorar, se relacionar com alguém, e mesmo as etapas mais lúdicas associadas ao encontro com o outro, como a paquera ou o flerte, são percebidos por essas mulheres como mais uma atividade exaustiva a ser desempenhada, como um trabalho que precisa ser feito de forma aprimorada. A ideia de “carga mental” associada a isso revela, no entanto, uma forma específica de sofrimento psíquico enquadrada pelo *ethos* neoliberal (SAFATLE *et al*, 2023), em que a própria noção de tempo é fortemente atravessada por temas como investimentos, ganhos, administração etc.

Eu parei de ir a *dates* faz mais ou menos um mês e já me sinto mais leve, com liberdade, como se eu não tivesse percebido o quanto de peso eu deixava sobre mim tentando encontrar “a pessoa certa”. Sempre fica aquela pergunta no ar, tipo, será que é ele? Será que é a minha alma gêmea? Será que eu vou perder ele se não estiver com os olhos bem abertos 24 horas por dia, 7 dias por semana? (...) Agora eu posso simplesmente respirar, relaxar e não preciso ficar em busca de um homem 24 horas por dia, 7 dias por semana. Eu não preciso ficar nos aplicativos, ter encontros, perguntar para os meus amigos se eles têm amigos. É exaustivo. É um trabalho 24 horas por dia, e eu simplesmente não preciso mais fazer isso³⁵.

A gente precisa parar de usar nossa energia pra uma coisa que não está dando o retorno esperado. E não tem só a ver com sexo, tem a ver com relacionamentos também. Porque muitas vezes esses relacionamentos nos deixam cansadas, deprimidas...³⁶

Parte disso pode ser creditado ao imbricamento dos relacionamentos contemporâneos às dinâmicas online. Muitas mulheres mencionam o fato de terem que lidar com a ansiedade de manejar as expectativas em relação aos homens com quem mantêm algum tipo de relação nas interações mediadas pela tecnologia, sobretudo em plataformas de redes sociais e aplicativos de troca de mensagens:

³⁴ <https://shre.ink/bQIP>

³⁵ Tradução nossa. <https://shre.ink/bQIs>

³⁶ <https://shre.ink/bQIT>

Estou há 9 meses em paz. Em paz. Eu já casei duas vezes, eu já tive meus filhos, e agora eu estou numa fase, assim, de sobriedade mental. (...) Como é bom ter paz, como é bom não ter aquele pedaço de paixão de raiva na tua vida, como é bom dormir e acordar sem ansiedade. Sem esperar mensagem de contatinho, de ficante, isso daí eu não quero mais pra minha vida (sic).³⁷

Você tá lá com a sua vida toda arrumadinha e num belo momento você cisma que você precisa de alguém, você quer ter uma relação romântica (...) aí você se esforça e conhece um alecrim dourado e você acha que ele é a última bolacha do pacote. E aí você passa por coisas como: manda mensagem e ele responde 4 horas depois (ou não responde) e no dia seguinte ele fala que estava muito ocupado. E aí ele some e depois ele aparece com beijinhos e uma mensagem linda (...) No fim de semana ele não aparece e aí você olha no Instagram e de repente ele curte um story seu e você fala “ah, não, ele me notou”. Sim, ele curtiu o seu e o de umas 30 mulheres. Muito bem. Canseira, né?”³⁸

A linha argumentativa do cansaço é central entre os motivos apontados pelas enunciadoras para aderir ao detox de homens. Além da superficialidade das relações mediadas pelas redes sociais e aplicativos de relacionamento (que tendem a ser apontadas como mais vantajosas para os homens), as mulheres ressaltam estarem exaustas de serem *provedoras emocionais*³⁹. O movimento organiza-se, assim, como uma resposta ao que Anderson (2023) chamou de *trabalho hermenêutico feminino*, ou a responsabilidade socialmente atribuída às mulheres de gerenciar e interpretar os sentimentos de si mesmas e dos homens, devolvendo a eles uma tradução de suas emoções. O uso da palavra *provedora* alude ao papel social da masculinidade tradicional de manutenção financeira da casa, reconhecendo – e, assim, questionando – o lugar feminino de manutenção das relações pessoais que sustentam o edifício do casamento e da família.

Em nossa amostra de 30 vídeos, em apenas um é um homem que aparece falando. O teor é de apoio à ideia de *boysober*, a partir de um discurso que coloca o problema não nos homens em geral, mas na categoria “heterotop”, termo que se popularizou há cerca de cinco anos e que debocha de um certo tipo de comportamento de homens jovens, normalmente brancos e de classe média ou alta, conhecidos por usar o termo “top” para se referir a coisas boas.

Abstinência sexual de homens, o movimento boy sober. Maravilhoso, porque bate de frente com os heterotops e toda vez que os heterotops estão perdendo, a sociedade está vencendo. Essas mulheres, elas querem se proteger, se preservar, se autoconhecerem, se amarem mais, de forma que elas não ficam mais vulneráveis, né, a essa praga que

³⁷ <https://shre.ink/bQI2>

³⁸ <https://shre.ink/bQIc>

³⁹ <https://shre.ink/bQII>

são os heterotops, né. E aí todo mundo sai ganhando: os bonzinhos, as mulheres e a sociedade, afinal, os heterotop estão perdendo (sic)⁴⁰

Embora tenha como intenção se apresentar como um aliado das mulheres, o produtor do vídeo acaba por desviar o foco do movimento, que não é voltado a um tipo específico de comportamento masculino, mas aos homens em geral. Curiosamente, em nossa amostra, nenhuma mulher utiliza o termo em sua explanação. É notável, nesse sentido, que o foco da maioria dos vídeos não seja, exatamente, criticar os homens ou listar seus defeitos e problemas, mas sim enunciar sobre como elas se sentem sobre isso, falar sobre o impacto que esses comportamentos têm sobre suas vidas e saúde mental.

(...) então esse termo boy sober é basicamente isso, ficar sóbria de homens, de garotos e passar a focar em você mesma, que é a pessoa que você nunca deve abandonar. É meio que um celibato, mas na verdade é um... é um reencontro com quem você deixou de ser, é o reencontro com a sua alma, com a sua dignidade, sabe? Pegar a sua dignidade, a sua honra de volta, é esse termo *boysober* (sic).⁴¹

Não há no *corpus*, também, grandes reflexões sociais que atrelem esse “movimento” a questões mais amplas como, por exemplo, uma maior conscientização das mulheres a respeito das questões de gênero trazidas pelo feminismo. Nesse sentido, o discurso parece mais moldado por uma percepção terapêutica e neoliberal de ênfase no valor do indivíduo autônomo e com a “terapia em dia” do que de fato consciente sobre as armadilhas do patriarcado e do sexismo nas relações amorosas.

Em um dos vídeos, uma mulher diz que está organizando um grupo, com suas seguidoras, para discutir questões sobre relacionamentos. A ideia surgiu após a repercussão de outro vídeo postado por ela sobre *boysober* (que também apareceu em nossa amostra⁴²). Ela afirma que a experiência do grupo a fez pensar na definição de sororidade, que ela lê: “a sororidade é um conceito ligado ao feminismo que significa a prática de empatia, confiança, cooperação e acolhimento entre mulheres”⁴³. Depois de enumerar uma lista de palavras “lindas” associadas à ideia, como “união, afeto, amizade, fraternidade, afeição, respeito, aliança, apoio, camaradagem, companheirismo, solidariedade, empatia e coletividade”, ela faz a ressalva:

⁴⁰ <https://shre.ink/bQI9>

⁴¹ <https://shre.ink/bQIn>

⁴² <https://shre.ink/bQI1>

⁴³ <https://shre.ink/bQrP>

“apesar de muitas do grupo não terem essa ideia de feminismo, não se chamarem de feministas, e aqui dizer que é um conceito ligado ao feminismo, eu acho que porque a onda feminista criou este conceito né, mas você não precisa ser feminista para viver na sororidade”. Após falar isso, ela diz que o grupo serve para criar uma união importante, já que as mulheres ainda precisam lutar por coisas como “os salários iguais”, “a igualdade social num parâmetro de trabalho (...) e completa: “e dentro de casa, quando um filho fica doente, quem é que fica com a criança e quem vai trabalhar?”. Aparentemente, o feminismo também aparece como um sujeito oculto na fala das mulheres.

A ideia de se distanciar do feminismo como explicação para o detox de homens, assim como a necessidade de evitar o maniqueísmo e não vilanizá-los nesse processo também aparecem como preocupação das mulheres em outros vídeos do corpus:

É o celibato voluntário depois de muitas decepções, uma atrás da outra (...) Eu não tenho nem como não aderir a isso porque a gente chega num nível de exaustão que não dá mais, sabe? (...) a gente vai ficando exausta, a gente vai ficando exaurida, esgotada, sem forças, aí a nossa libido vai com Deus, gente. E é uma coisa muito orgânica... vocês não achem que é por ser misândrica, vocês não achem que é porque a gente é muito feminista demais. Não é isso gente, é porque realmente a gente está cansada de se curar e passar de novo pela mesma coisa com princesos diferentes.⁴⁴

No entanto, é preciso estarmos atentos para não criar uma fic do bem versus mal, onde todas somos vítimas e os homens são vilões. Isso não resolve a sensação de solidão e o desejo de construir vínculos românticos, além de nos manter numa atmosfera de alerta constante⁴⁵

Assim, o feminismo aparece menos como uma causa política de adesão direta das enunciantoras e mais como um caldo cultural – ou *sensibilidade*, na formulação de Gill (2007) – que permitiu a emergência de uma crítica das relações amorosas e dos papéis de gênero. Em *The end of love*, Illouz (2021) discute o desgaste do amor romântico como o que conhecemos culturalmente: um milagre na vida das pessoas, sua janela de aproximação com a felicidade. O aumento da taxa de divórcios, queda de natalidade e ampliação da liberdade sexual também implicaria, em muitos discursos, em uma *sologamia*, ou o fenômeno em que as mulheres escolhem casar consigo mesmas, declarando a vitória do amor próprio e o valor de estar consigo mesmas. Nesse sentido, mesmo com toda a liberdade sexual possibilitada pelas

⁴⁴ <https://shre.ink/bQrJ>

⁴⁵ <https://shre.ink/bQgB>

reivindicações feministas, as mulheres escolhem, inclusive, a abstinência sexual. No contexto contemporâneo a *liberdade de escolha* desponta como valor central – ser livre é poder escolher, “estar sóbria para se concentrar na própria identidade”.

4. Considerações finais

A análise retórica do corpus demonstrou que os conteúdos agrupados sobre as hashtags #boysober e #mgtow encontram-se em uma convergência: a afirmação de que *não vale a pena* ter um relacionamento amoroso heterossexual no contemporâneo. Na argumentação dos enunciadores, o ponto de partida é também a conclusão que confirma o sucesso da prática: seja por um tempo – como um *detox* de um vício inevitável – ou como um estilo de vida permanente, abdicar de relações afetivas heterossexuais é a saída para afirmar-se como indivíduo, ter mais saúde mental, segurança e estabilidade.

No entanto, os motivos para essa escolha que demarcam as diferenças contundentes entre a retórica dos dois movimentos expressam, também, contradições sociais nas relações de gênero. Incluídos no espectro masculinista, os MGTOW respondem a um “excesso de feminismo” que teria tornado as mulheres imorais e a sociedade injusta: elas, desinteressadas da maternidade e da família; e as instituições corrompidas, com leis parciais e uma desvalorização social do sofrimento masculino. A moral do ressentimento (KEHL, 2020) parece atravessar o status de vítima performatizado midiaticamente pelos enunciadores analisados, ainda que a reação venha disfarçada pelo imperativo da autonomia, a partir da conhecida via da subjetividade empreendedora neoliberal.

Assim, é fundamental ampliar a investigação sobre que *contracultura* se apresenta discursivamente como resposta conservadora ao feminismo e que atravessamentos com o discurso *antiestablishment* da extrema-direita brasileira se apresentam no discurso MGTOW. Nesse sentido, é oportuno perguntar se, culturalmente, em algum momento da história ocidental, relações amorosas foram mesmo colocadas no centro da vida masculina: eles não sofrem com o estigma da *solteirona* como as mulheres, podem ter filhos fora do casamento com facilidade e são socializados para priorizar as questões da esfera pública, como o trabalho, a política e a guerra (PERROT, 1988). Do que os homens masculinistas querem, então, se libertar?

Ao menos no discurso das mulheres que adotam a #boysober como possibilidade, essa percepção se apresenta. Elas estão *cansadas e frustradas* – não querem mais ser *provedoras emocionais* dos homens, estão exaustas dos protocolos interativos dos aplicativos de relacionamento e redes sociais e preferem *investir seu tempo* em trabalho, autocuidado, diversão e, principalmente, na saúde mental, principalmente expressa na ideia de *wellness*. No caso delas, imperativos da sociedade neoliberal e da cultura terapêutica parecem se misturar a reinvenções contemporâneas de práticas ascéticas. Assim como em outras *trends* que circulam no TikTok, as mulheres são convocadas a investir em uma rígida rotina de exercícios físicos, alimentação, estudo e trabalho, repensando os prazeres se eles atrapalham os objetivos – nesse sentido, talvez o sexo não valha a pena, já que ele irá *ocupar o espaço mental* e atrapalhar o foco das mulheres. As articulações entre #boysober e repaginações seculares da ideia de celibato merecem ser, assim, melhor desenvolvidas em pesquisas futuras.

Entretanto, a análise aqui realizada já permite compreender que há um mal-estar feminino (ainda que não necessariamente feminista) em torno das relações amorosas. Sem dúvida, as críticas do feminismo à masculinidade hegemônica e aos impactos do patriarcado na vida das mulheres – que foram, culturalmente, ensinadas a colocar o amor no centro (CASTELLANO, LEAL, MAIO, 2024) – se estabelece como o solo cultural que tornou a #boysober pensável, ainda que possamos questionar as novas sujeições que atravessam suas aproximações com uma subjetividade neoliberal.

As diferenças entre ambos os fenômenos, e também sua aproximação em um mal-estar com a heterossexualidade e suas performances, apontam para a necessidade de novas pesquisas que investiguem os novos problemas produzidos por essas saídas. Enquanto as mulheres articulam a desistência pela esfera da vida privada, acessando o campo das emoções e da saúde mental para justificar sua escolha *temporária*; os homens que aderem ao MGTOW costumam se referir a questões públicas, ligadas ao Estado e ao campo jurídico para defender o abandono dos relacionamentos como um *estilo de vida* permanente. Se elas estão dispostas a abdicar dos aspectos lúdicos do flerte, do encontro e mesmo do sexo, eles podem acessar livremente as relações casuais e a prostituição sem que isso os retire de seu *próprio caminho*.

Referências

ANDERSON, Ellie. The Performativity of Heteropessimism as Feminist Complaint. **Post45**, 2023. Disponível

em: <https://post45.org/2023/07/the-performativity-of-heteropessimism-as-feminist-complaint/>. Acesso em: 18 fev. 2025.

CASTELLANO, M; LEAL, T; MAIO, G. Descentralizar homens: heteropessimismo, relacionamentos amorosos e racionalidade neoliberal no TikTok. In: CASTRO, Gisela G. S. **Conexões sociotécnicas: comunicação e subjetividades nas lógicas de consumo**. São Paulo: Ed. dos Autores, 2024.

CASTELLANO, M; MIGUEL, V. M. “O sofrimento amoroso do homem”: misoginia e discurso de ódio na literatura masculinista de autoajuda. **RuMoRes**, , v. 17, n. 34, p. 116–135, 2023.

CHARPENTIER, M. She’s Not Celibate - She’s “Boysober”. **The New York Times**, 3 fev 2024.

COCKERILL. Convergence on Common Ground: MRAs, Memes and Transcultural Contexts of Digital Misogyny. In: GING, D.; SIAPERA, E. **Gender Hate Online: Understanding the New Anti-Feminism.**: Springer International Publishing, 2019.

CONNELL, R. W. **Masculinities**. : Polity, 2005.

DARDOT, P; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**. : Boitempo Editorial, 2017.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. : Paz & Terra, 2021.

FUREDI, F. **Therapy culture. Cultivating vulnerability in an uncertain age**. Londres: Routledge, 2004.

GILL, R. **Gender and the media**. Nova Hampshire: Polity, 2007.

GING, D. Alphas, Betas, and Incels: Theorizing the Masculinities of the Manosphere. **Men and Masculinities**, , v. 22, n. 4, p. 638–657, 2019.

HOOKS, b. **The Will to Change: Men, Masculinity, and Love**. : Simon and Schuster, 2004.

ILLOUZ, E. **Saving the Modern Soul: Therapy, Emotions, and the Culture of Self-Help**. : University of California Press, 2008.

ILLOUZ, E. **The End of Love: A Sociology of Negative Relations**. : John Wiley & Sons, 2021.

JONES, C; TROTT, V; WRIGHT, S. Sluts and soyboys: MGTOW and the production of misogynistic online harassment. **New Media & Society**, , v. 22, n. 10, p. 1903–1921, 2020.

KEHL, M. R. **Ressentimento**. [S. l.]: Boitempo Editorial, 2020.

LEAL, T; MIGUEL, V. M; CASTELLANO, M. **As mulheres não são coitadinhas: a participação feminina em podcasts masculinistas**. Anais do 33° Encontro Anual da COMPÓS, Niterói, 2024.

OJEDA, B. **Bem-estar e autocuidado no consumo contemporâneo de beleza: um estudo de caso da “Botica mais Tradicional do Brasil”**. Trabalho de Conclusão de Curso. Estudos de Mídia - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2023.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: Unesp, 1998.

SAFATLE, V., DA SILVA JUNIOR, N., DUNKER, C. (orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

SERESIN, A. On Heteropessimism: Heterosexuality is nobody’s personal problem. **The New Inquiry**, out 2019. Disponível em <https://thenewinquiry.com/on-heteropessimism/>

VAN VALKENBURGH, S. P. Digesting the Red Pill: Masculinity and Neoliberalism in the Manosphere. **Men and Masculinities**, , v. 24, n. 1, p. 84–103, 2021.

VAZ, P; SANCHOTENE, N; SANTOS, A. Da salvação pela fé à cura pela autoestima: as origens religiosas do testemunho de vítima. **Galáxia**, p. e53254, 2021.

WRIGHT, S; TROTT, V; JONES, C. ‘The pussy ain’t worth it, bro’: assessing the discourse and structure of MGTOW. **Information, Communication and Society**, , v. 23, n. 6, p. 908–925, 2020.